

GT 05 - LETRAMENTOS, ALFABETIZAÇÃO E TECNOLOGIAS - LAT**OS DESAFIOS DOS MULTILETRAMENTOS NOS ANOS INICIAIS**Myrlei Rocha¹**Resumo**

O presente artigo se propõe a analisar os processos de alfabetização observados em uma turma de 26 alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na escola Municipal Elzira Balduino de Anápolis - GO, proporcionadas pelo programa PIBID (Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência), financiado pelo Governo Federal que tem como objetivo aprimorar nossas experiências enquanto docentes em nível de formação inicial, aplicando um projeto de multiletramentos e numeramento nas escolas que, por meio do diretor (a) e do coordenador (a), aceitam ser participantes do programa, reconhecendo-o como um benefício para sua escola. No entanto, para o desenvolvimento deste trabalho fez-se o recorte apenas para as dimensões dos multiletramentos, e os desafios que a viabilização dos mesmos implica. Neste sentido, o estudo ressalta as várias formas de letramento, buscando também na prática planejar aulas dinâmicas e não convencionais se apropriando para isso, dos recursos disponibilizados pela escola tais como: data show, televisão, DVD, computador e internet, bem como materiais confeccionados pelas bolsistas para execução das aulas. Para o planejamento das aulas era feito uma reunião semanal com os coordenadores responsáveis pelo programa, onde eram discutidas junto aos bolsistas o cronograma do projeto e a matriz curricular do município para melhor aproveitamento em sala de aula.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Pibid.

Introdução

A definição do conceito ‘alfabetizar’ de acordo com Soares (2001) é ensinar a ler e a escrever, tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. Já o conceito ‘letrar’ vai além disso, Soares define ‘letrado’ como o indivíduo versado em letras, erudito. Uma vez que uma pessoa alfabetizada pode não ser letrada, ou seja, possui conhecimentos restritos acerca da escrita e da leitura, não compreende e não interpreta textos dos mais variados tipos e assuntos. Podemos dizer que essa pessoa sabe apenas codificar e decodificar letras. Enquanto que uma pessoa que não é alfabetizada

¹ IELT-UEG - myrlei.rocha@gmail.com

pode, ainda que de forma mais restrita, ser considerada uma pessoa letrada por apresentar certo domínio e facilidade em compreender e interpretar diversos tipos de textos e assuntos variados. É comum conhecermos pessoas que frequentaram pouco a escola, mal sabem escrever o próprio nome, mas que entende muito de política tendo inclusive uma visão crítica sobre a mesma. Também outras que fazem cálculos de cabeça até melhor que muitos que são estudados. Com base nisso, não podemos dizer que essas pessoas não são de certa forma letradas, ou seja, a falta de “estudos” não implica conhecimentos restritos.

Soares (2001) diz que letramento é prazer, é quando o indivíduo é capaz de ler em diferentes lugares e sob diferentes condições diferentes das propostas pela escola, em exercícios rotineiros de aprendizagem. Ainda respondendo a questão sobre o que é o letramento, Soares (2001) ressalta que são as notícias nos jornais sobre o presidente, a política o tempo, os artistas da TV, e mesmo as charges e as histórias em quadrinho. Tomando por base essas definições, podemos dizer que, uma pessoa letrada é uma pessoa que interage com diversos tipos de textos, meios de comunicação e assuntos variados, tais como telejornais, rótulos de embalagens, propagandas, histórias em quadrinhos, charges, jornais impressos, livros, conhecimentos acerca de política, esporte, literatura e demais assuntos.

A pedagogia dos multiletramentos contempla a multiplicidade de culturas e a multiplicidade de linguagens, Rojo (2013) distingue; multiplicidade de culturas devido à diversidade de culturas existentes em um único espaço, um único lugar, e como elas se misturam dando origem a novas culturas, novos hábitos. Multiplicidade de linguagens se refere aos vários tipos, os variados modos de linguagem que existem e que exigem interpretação crítica.

Os desafios

Os desafios de não apenas alfabetizar, mas letrar as crianças de 1º ano do ensino fundamental que foram observadas e analisadas a partir dessas teorias e são confirmadas com base no Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado (1999) se dão principalmente pelo fato de muitas delas não terem acesso a diversos meios de leitura e de escrita, não manuseiam jornais, revistas, livros literários, por exemplo também não tem quem leia pra ela em casa principalmente. Neste mesmo texto retirado do Programa, diz que em uma conversa com pais de crianças leitoras, e com as próprias crianças, descobriram-se coisas interessantes com relação ao assunto. O fato é que essas crianças têm quem leia pra elas, lêem a bíblia, contam histórias e apontam com o dedo onde estão lendo, lêem o que está escrito nas embalagens, e também em gibis, tudo isso favorece o

desenvolvimento da leitura e da escrita, o processo de alfabetização e de letramento para essas crianças se torna muito mais fácil, mais prazeroso e pode acontecer até mais rápido, pelo fato de já conviverem com isso, e por ser um hábito que já faz parte do cotidiano delas, portanto em decorrência dessa prática, naturalmente a criança desenvolve a leitura e a escrita com mais facilidade.

O que não significa que aquelas crianças que não tem esse hábito, que não tem quem leia para elas, não vão aprender a ler e a escrever, elas vão, no seu tempo assim como as outras, mas o processo se torna mais complexo, uma vez que a escrita e a leitura é algo totalmente novo pra elas, algo com o qual elas não convivem e não interagem. Por isso a necessidade de se aplicar a pedagogia dos multiletramentos, inserindo textos que fazem parte do cotidiano dos alunos, aproveitando que eles passam boa parte do dia na escola para que eles tenham não apenas um contato superficial, mas que se envolvam na história e que se identifiquem com elas se apaixonando pelos livros, manuseando bem o jornal, a revista, e que tenham portanto conhecimento sobre os mais variados assuntos, e mais, que saibam se posicionar diante deles sabendo elaborar bons argumentos, sabendo também contestar quando julgar necessário, e que tenham olhar crítico ao ler um livro, ler uma notícia no jornal, ao assistir aos telejornais, e não se contentem apenas como leitores, mas que se tornem escritores, independente sobre o que vão escrever, mas que saibam como fazê-lo.

As etapas

Piaget levantou uma hipótese de que: “a criança não resolve certos problemas porque ainda não dispõe de uma estrutura cognitiva que lhe permita compreender problemas dessa ordem; no momento em que vier a dispor de tal estrutura terá condições de lidar com problemas dessa natureza.” (Psicologia e educação: o significado do aprender. Org.Rosa, 2003). Aplicando essa ideia no processo da alfabetização, entendemos que a criança tem o seu tempo de aprender e para aprender, se ela ainda não consegue ler e escrever, certamente ainda não possui estrutura cognitiva que lhe permita compreender o nosso sistema de escrita alfabético.

Certamente ela ainda não distingue letra de desenho e no início do processo supõe que a escrita é outra forma de desenhar as coisas como afirma Weisz (1988) em seu artigo (Como se aprende a ler e escrever ou, prontidão, um problema mal colocado). Ou seja, a criança precisa de um tempo para assimilar essas questões e passo a passo compreender o que a escrita representa que esta, representa a fala e assim por diante até se apropriar do nosso sistema de escrita e com isso

aprenderem a ler e escrever com exatidão e compreensão do que está sendo lido ou escrito, e não apenas para aprenderem codificar e decodificar letras.

Portanto, sabemos que elas passam por etapas durante esse processo, Weisz apresenta algumas, a primeira já vimos, mas existem outras, a criança também passa pela hipótese silábica, onde ela acredita que cada letra representa uma sílaba, e essa etapa do processo foi observada na sala do 1º ano, a bolsista pediu para que o aluno escrevesse a palavra ‘cenoura’ no quadro, trabalhando a escrita de um texto que foi lido com eles, e o aluno escreveu: ‘coa’, ou seja, (ce - nou - ra / c - o - a), cada letra representando uma sílaba; e por último a criança chega à hipótese alfabética, onde ela já compreendeu como tudo funciona.

O papel do professor

Com base nas pesquisas de Soares (2001), ressaltamos a necessidade de se levar pra sala de aula os mais variados tipos de textos para que as crianças tenham contato, conheçam, saibam identificar aquilo que já faz parte do cotidiano deles. Por exemplo, retire o rótulo da embalagem de uma coca-cola e leve pra sala de aula para apresentá-la aos alunos e peça para que eles leiam; mesmo eles não sabendo ainda ler e escrever, saberão dizer que ali está escrito ‘co-ca – co-la’, isso porque esse rótulo, essa imagem, é algo que faz parte do dia-a-dia deles, eles vêm em casa, no supermercado, na TV, ou seja eles já conhecem e sempre que lhes for pedido que façam essa leitura, eles “lerão”, por ser algo que já foi aprendido, eles já assimilaram a palavra ‘coca-cola’ ao desenho, ao design da palavra, a cor do rótulo desta embalagem. Portanto, devemos utilizar este conhecimento prévio que os alunos já possuem acerca da escrita para conduzi-los no processo dessa aprendizagem, de acordo com o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (2001).

Outro fator importante é a escrita do nome, um dos primeiros passos do aluno para que este compreenda o processo da escrita, pois o nome é o princípio de tudo, representa identidade, o nome identifica a pessoa, por isso a importância de trabalhar o nome dos alunos para que eles a partir do aprendizado do nome reconheçam e identifiquem as letras do seu nome em outra palavra. Utilizando novamente o exemplo do rótulo da embalagem de coca-cola, a criança pode reconhecer de imediato uma letra que faz parte do nome dela, ou ser levada pelo professor a identificar letra por letra e assim, identificar a letra, ou as letras, que fazem parte do nome dela ou de outro nome que a criança já conheça. “Skinner é o principal representante do behaviorismo que explica o comportamento humano como resultado das influências dos estímulos do meio.” (Psicologia e educação: o

significado do aprender. Org. Rosa. 2003). Ou seja, se o meio é favorável, o comportamento resultante também é.

Aplicando isso no processo de alfabetização com multiletramentos sabemos que quanto mais o professor estimula seus alunos, maiores e mais eficazes serão os resultados, sendo que estes estímulos também devem ser do mesmo nível de eficiência para melhor atender as necessidades dos seus alunos. Se acentuarmos a importância de ler e quão prazerosa é essa leitura e para isso damos oportunidades para nossos alunos lerem ainda que com dificuldades, “atropelando” ou “engolindo” algumas letras, mas mesmo assim os elogiamos, reconhecendo a etapa no processo de alfabetização pela qual esses alunos estão passando, eles certamente se sentirão seguros, confortáveis e estimulados a aprender mais daquilo, e então aquele aprendizado deixa de ser “chato” e algo muito complexo e difícil de aprender, passando a ser prazeroso, estimulante, e dia após dia estes alunos poderão apresentar resultados cada vez melhores e maiores elevando até sua autoestima a partir do momento em que eles se “pegam” lendo tudo, placas de carros, outdoors, fachada de estabelecimentos comerciais, as próprias atividades escolares, propagandas de TV ou impressas, jornais impressos, revistas e assim por diante.

Considerações finais

Todas essas questões apresentadas foram observadas em sala de aula, e pudemos concluir que o processo de alfabetização a partir dos multiletramentos é um processo gradativo, por etapas, o papel do professor é conscientizar o aluno de que ele vai aprender a ler, na sua hora, no seu tempo, e “acalmá-lo” com relação a isso, tendo em vista, o argumento de alguns alunos quando lhes é verificado o conhecimento acerca da escrita e da leitura: “Eu não sei ler tia”, ou seja, conscientizá-lo de que é um processo, portanto acontece por etapas, é um comportamento aprendido o qual deve ser estimulado. Uns tem mais dificuldades na compreensão do sistema de escrita alfabético, já outros “pegam” rápido a orientação do professor, uns demoram longos meses, ou até mais de um ano, enquanto outros em poucos meses conseguem compreender como tudo funciona.

É certo de que todos podem aprender e vão, se eles se permitirem, se conscientizarem de que são capazes, e também se o professor for um instrumento atuante de transformação, para indicar e mostrar o caminho que deve ser percorrido, mas nunca menosprezando seus alunos julgando-os incapazes de aprender. Aqueles que têm maior dificuldade precisam de mais atenção do professor, portanto não se deve nunca intitulá-los, rotulá-los, mas tratar a todos de maneira igual, reforçando a capacidade que todos têm de alcançarem o sucesso.

Referências

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. Programa de desenvolvimento profissional continuado: alfabetização / Secretaria de Ensino Fundamental. – Brasília: A Secretaria. 1999.

BRASIL. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores: guia do formador: Módulo I / organização Cristiane Pelissari – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2001. 221 p.

ROSA, Jorge de La. Psicologia e educação: o significado do aprender, 7. ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 203 p.

ROJO, Roxane .Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. 1º ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed , 3. reimpr, - Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 128 p.

WEISZ, Telma; Como se aprende a ler e escrever ou, prontidão, um problema mal colocado. publicado em Ciclo Básico, CENP/Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, 1988.